

A sociologia da literatura de Georg Lukács

Rafael dos Santos Fernandes Sales¹

Palavras-chave: Sociologia, Sociologia da Literatura, Georg Lukács.

Resumo: Este breve trabalho levanta algumas questões referentes à sociologia da literatura, visitando e tentando elucidar alguns elementos da obra do autor marxista Georg Lukács.

Durante muito tempo a sociologia se esquivou da difícil tarefa de analisar a literatura, muito embora arte e filosofia já tenham estabelecido uma íntima relação a partir do Renascimento e, com mais força, no Século das Luzes (Enciclopedia..., 1975). Quando os sociólogos, a maioria deles com mentalidade filosófica, não literária, abordavam a literatura, eles a incluíam em categorias mais amplas da arte sem tratar, portanto, de seu valor específico, que é perceber o escritor e a obra dentro de um contexto mais amplo, na relação que se estabelece entre autor, obra e leitor, ambos pertencendo a um conjuntura específica.

Incluso Marx e Engels extremaran su prudencia al abordar los problemas literarios. Plejanov, que fue el primero en ofrecer una teoría marxista y sociológica del arte (1899), no trató a la literatura de manera satisfactoria (Enciclopedia..., 1975, p. 663).

1. Graduado em Ciências Sociais na Universidade Federal de Pernambuco.
Email: rafaeldossantosfs@gmail.com





A crítica cívica russa, nesse contexto, representou uma forte tradição sociológica na crítica literária. Ela acreditava que o valor da obra condiz com teor revolucionário e com o grau de fidelidade com que esta representa a realidade histórica. O marxismo mecânico também teve formulações que simplificam a questão da literatura. Ele estabeleceu uma relação direta entre a base econômica de uma sociedade e sua produção literária, sendo representado, sobretudo, por Plekanov, seu porta-voz mais conhecido. Contudo, a maioria dos marxistas crê hoje que essa concepção é demasiadamente simplista para explicar a complexidade do fenômeno literário.

Segundo Escarpt, uma verdadeira sociologia da literatura foi possível apenas quando os críticos e historiadores literários, tomando a literatura como uma realidade específica, se propuseram a responder às questões sociológicas relativas a essa temática, aplicando, para isso, os métodos sociológicos vigentes. Porém, a parte difícil dessa tarefa era elaborar os problemas sociológicos (Enciclopedia..., 1975). Quando os especialistas literários despertaram para a sociologia já havia se formado o hábito de operar sobre o escritor como um indivíduo ou sobre a obra literária como fenômeno separado, porém raramente sua relação com a massa de leitores era trabalhada. Como mostra Facina (2004, p. 10),

[...] trata-se de dessacralizar a criação literária, destacando a sua dimensão histórico-sociológica e rejeitar a perspectiva idealista que vê a literatura, ou mesmo a arte como um todo, como uma esfera da vida humana completamente autônoma em relação às condições materiais de produção. Não se trata de negar a existência do talento individual, ou do gênio criador, mas sim de considerá-la parte da dinâmica social e, portanto, passível de ser analisada racionalmente.

Nesse contexto, o húngaro George Lukács representa um forte impulso para os estudos da teoria estética e da sociologia da literatura. Ele iniciou um novo tipo de investigação sociológica, depois da sua

conversão a uma ramificação do marxismo bastante particular, ao fundamentar um método de análise crítico no paralelismo entre padrões estéticos da obra de arte e as estruturas econômicas contemporâneas da sociedade. E, mesmo que Lukács não tenha feito a análise sociológica ultrapassar seus mais graves problemas, como alguns afirmam, ele teve o mérito de torná-los bem mais claros.

Entender teoria estética lukacsiana exige um esforço prévio de esclarecimento de algumas categorias analíticas que o autor elabora e utiliza ao longo de toda sua obra. Um ponto fundamental para a compreensão da obra de Lukács diz respeito a sua crítica à consciência reificada, construída com base na teoria do fetichismo da mercadoria, de Marx. Essa teoria argumenta que a mercadoria aparece para a sociedade como uma relação social que exclui os indivíduos, os produtores, tornando-se apenas uma relação entre coisas. A divisão técnica do trabalho nas sociedades capitalistas impediria o trabalhador de se apropriar do significado final do seu trabalho, excluindo-o, assim, dessa relação. Nesse sentido, o capitalismo reificaria e fragmentaria a vida e as experiências humanas. A partir daí, para Lukács (1978), o pensamento reificado que surge desse processo seria incapaz de perceber a complexidade das relações sociais e tampouco a vida humana em sua totalidade. Nesse contexto, a arte, ainda em seus termos, representaria uma alternativa a essa reificação do pensamento. Mais do que isso, a arte, em especial a literatura, teria, na concepção de Lukács (1978), o papel de reconstruir a totalidade subtraída da realidade, para além de sua aparência superficial. Assim, para ele a literatura é tão mais elevada quanto mais fiel for o reflexo da realidade objetiva que ela oferecer, elevando o indivíduo a partir do conhecimento aprofundado da realidade, proporcionado por ela.

Contudo, Georg Lukács (1978) compreende a relação entre literatura e sociedade como algo complexo, em que a literatura não poderia ser apenas uma cópia fiel da realidade, já que esta mesma realidade se encontra mascarada, isto é, reificada em sua amplitude. O reflexo fiel





disso seria apenas mais uma ilusão que distancia o indivíduo da verdade. A arte, para ele, é um elemento de mediação entre essa realidade reificada e o próprio indivíduo, assumindo, nesse contexto, um papel de esclarecimento, e somente dessa forma pode alcançar sua eficácia estética. Entretanto, a relação entre arte e realidade é uma relação de reflexo, mas um reflexo que aprofunda e esclarece, que amplia a percepção da totalidade do mundo, percepção essa que nos é limitada, seja pela distância concreta da realidade² em relação ao indivíduo, seja pelo mascaramento que o distancia da verdade.

Uma outra relação deve ser abordada ao se tratar da análise sociológica da literatura em Lukács: a questão da forma e do conteúdo. Essa é uma preocupação que perpassa a argumentação desse autor quanto ao papel da arte e sua relação com o mundo social, passando a ser central no entendimento das análises sociológicas no campo da literatura formuladas por ele.

Em Lukács (1978), a relação entre forma (tomada por ele como o modo de expressão que o artista adota em sua obra e sendo por ele analisada como gênero artístico) e conteúdo refere-se a uma relação dialética em que ele opera uma fuga a reducionismos, por um lado, e por outro, a um subjetivismo exarcebado. Apoiando-se em Hegel, Lukács entende essa relação como uma permuta incessante entre a forma e o conteúdo, na qual um se transforma no outro infundamente.

Contudo, essa transformação da forma não significa necessariamente uma transformação do conteúdo, porque a forma possui as suas próprias exigências e sua eficácia particular. Uma obra pode transcender sua época na medida em que sua forma artística se estrutura de maneira a permitir que se experimente, de modo imediato e concreto, as relações humanas reais enfocadas na própria obra. Como diz Lukács (1978, p. 288), “a vitalidade e a duração de uma obra e dos

2. Nesse sentido, a literatura assume também um papel de informar a realidade que nos é distante concretamente, de ampliar o conhecimento através do espaço.

tipos figurados nela dependem, em última instância, da perfeição da forma artística”. Dessa maneira, a forma que uma obra de arte determinada assume é importante sim, mas tem, sobretudo, uma íntima relação com o conteúdo. Para Lukács (1978), a forma importa, mas o que dimensiona o caráter da obra de arte é a sua objetividade, é o seu conteúdo. O gênero textual conforma o conteúdo e é este o que delinea a obra de arte.

Se bem que, desde Hegel, seja claro que forma e conteúdo se convertem incessantemente um no outro; se bem que o materialismo dialético e histórico – indo além de Hegel – estabeleça firmemente a prioridade do conteúdo, mesmo reconhecendo a recíproca relação de conversão do conteúdo na forma e vice-versa. (Lukács, 1978, p. 182).

Em uma tentativa de aplicar a epistemologia leninista à estética, Lukács analisa a diferença da forma no reflexo estético e no reflexo científico. A forma científica, segundo Lukács (1978), é tão mais elevada quanto mais adequado for o reflexo da realidade objetiva que ela oferecer, quanto mais ela aprofunda e esclarece a realidade, quanto mais ela for universal e compreensiva, “quanto mais ela voltar às costas para a imediata forma fenomênica sensivelmente humana da realidade, tal como se apresenta cotidianamente³” (Lukács, 1978, p. 182).

Segundo o autor, neste ideal se expressa uma tendência relativamente legítima do pensamento científico: a aspiração a uma generalização que compreende o maior número possível de casos singulares, aparentemente heterogêneos, a mais compreensiva generalização possível. Ou seja, essa generalização implica uma busca pela essência real das coisas, do que é verificável em todos os casos particulares.

3. Pode-se ver neste ponto um pouco do papel da arte na concepção lukacsiana, em que ela deve desvendar as faces da realidade, trazer à tona a dimensão contraditória que nos é pouco acessível cotidianamente e mediar a relação entre o indivíduo e a totalidade realidade.





“O critério da justeza e da sua profundidade é precisamente esta universal aplicabilidade a fenômenos de conteúdo aparentemente diferentes” (Konder, 1967, p. 153).

Da mesma maneira à estética, como ciência, cabe descobrir leis mais universais possível, e cabe à crítica aplicá-las a obras singulares. “A estética, a história da arte, a crítica, etc., são precisamente ciências para as quais vale essencialmente o reflexo científico da realidade” (Lukács, 1978, p. 184). Entretanto, o foco lukacsiano, ao menos nesse ponto, é tratar da forma artística “genuína e original” e para ele essa forma é sempre a forma de um determinado conteúdo. “É aqui evidente que a forma artística – precisamente quando tiver importância estética – é a forma específica e peculiar daquela determinada matéria que constitui o conteúdo de uma dada obra” (Lukács, 1978, p. 184).

Diante disso, Lukács argumenta que essa forma estética genuína e original é nitidamente diversa da forma no campo científico, explicando que o conhecimento científico se dá em um plano da universalidade. Já a categoria central da estética, segundo o marxista de quem falamos, é a da particularidade. A categoria da particularidade, nesse contexto, corresponde ao conceito de tipo. A particularidade é a “representação simbólica do singular e do universal”.

Entretanto, a universalidade, no conhecimento artístico, não pode aparecer sob a forma de leis abstratas (como aparece na ciência), pois, segundo o autor, ela precisa se apresentar em uma ligação orgânica com a concreticidade dos seres singulares representados pelo artista. A categoria da particularidade na estética lukacsiana corresponde, no caso específico da literatura, ao conceito de tipo, já citado anteriormente. O tipo é a síntese particular que tanto no campo dos caracteres, do abstrato, quanto no campo das situações, do concreto, une organicamente o universal e o singular.

A universalidade na teoria estética lukacsiana parte de uma conformação da singularidade do próprio autor de uma obra de arte à particularidade estética. Assim, a universalidade consiste em uma am-

pliação do reflexo estético, consiste na possibilidade da particularidade objetiva do criador que gera a obra de arte em abarcar as diversas particularidades dos indivíduos e da humanidade. Ou seja, a personalidade criadora, elemento importante para o surgimento da obra de arte, não se identifica imediata e simplesmente com a individualidade cotidiana do criador. A criação exige que o criador universalize a si mesmo, que ele se eleve da sua singularidade meramente particular à particularidade estética, sendo esta última uma categoria superior e de generalização, em certa medida. É nessa categoria que se opera a capacidade da obra de identificação com a humanidade. Segundo Lukács, a identificação de uma pessoa determinada com uma dada obra se dá no nível dessa categoria superior, pelo fato de a pessoa se identificar com a história da humanidade representada na obra de arte, a qual se dá através de categorias fundamentais: a forma e o conteúdo.

Para Lukács (1978, p. 284), apenas assumindo a particularidade como ponto central do reflexo estético da realidade pode-se estar em condições de explicar a “específica unidade dialética entre fator subjetivo e fator objetivo como princípio animador contraditório da inteira esfera”. Assim, o que é produzido no campo do abstrato, de uma maneira ou de outra, reflete o campo do concreto, da realidade objetiva. Como a arte representa sempre e exclusivamente o mundo humano, como em todo ato de reflexo estético o ser humano está sempre presente como elemento determinante, desse caráter dialético do reflexo estético nasce uma duplicidade dialética do sujeito estético que, por sua vez, revela o reflexo de condições fundamentais no desenvolvimento da humanidade.

O nascimento de qualquer obra de arte, segundo o autor citado, é decisiva à concreticidade da realidade refletida. A durabilidade dos tipos criados pela arte tem uma base objetiva na própria realidade. Quanto mais ela se aproxima de uma universalidade, mais ocorre uma elevação da individualidade cotidiana imediata, porque, dessa forma,





a arte amplia os horizontes do indivíduo, enriquece esse indivíduo graças à experiência que lhe é proporcionada, por meio da mediação dos traços essencialmente novos das relações humanas assim reveladas.

Ele experimenta realidades que, de outro modo, na plenitude oferecida pela época, ser-lhe-iam inacessíveis; suas concepções sobre o homem, sobre suas possibilidades reais positivas ou negativas, ampliam-se em proporções inesperadas; mundos que lhe são distantes no espaço e no tempo, na história e nas relações de classe, revelam-se a ele na dialética interna daquelas forças cujo jogo exterior lhe oferece a experiência de algo que lhe é bastante estranho, mas que ao mesmo tempo pode ser posto em relação com sua própria vida pessoal, com sua própria intimidade. (Lukács, 1978, p. 291).

Contudo, esse enriquecimento é um enriquecimento da personalidade do indivíduo, e somente dela. E essa personalidade, assim como a própria obra, é determinada em um sentido classista, nacional, histórico etc. A obra gera um enriquecimento sobre as experiências vividas pelo indivíduo, somando-se a elas. A arte não transforma a pessoa em outra, mas enriquece sua personalidade individual através do desfrute artístico. Porém, isso acontece em um confronto entre experiências passadas da pessoa e as novas impressões provocadas pela arte. O terreno dessa luta é, precisamente, a correspondência da totalidade da representação concreta e aquela da experiência adquirida. E na teoria lukacsiana é justamente nesse ponto que ocorrem o aprofundamento e a ampliação das experiências que são causadas pelo mundo representado na obra. “A eficácia da grande obra consiste precisamente no fato de que o novo, o original, o significativo obtém a vitória sobre as velhas experiências do sujeito receptivo”, diz Lukács (1978, p. 293).

Com toda essa argumentação Lukács quer dizer que a arte opera diretamente sobre o sujeito. O reflexo da realidade objetiva, o reflexo dos indivíduos em suas relações recíprocas, no interior da relação entre homem e natureza, é um elemento de mediação, é um meio

de provocar o crescimento do sujeito e, portanto, um instrumento de conhecimento da própria humanidade. Por isso a eficácia de uma obra consiste em sua capacidade de ampliação da experiência humana, em um aprofundamento da consciência. A eficácia exercida por uma obra de arte desperta e eleva a autoconsciência humana. Ela significa uma relação mais rica e mais profunda entre o mundo externo e o “homem enquanto membro da sociedade, da classe, da nação, enquanto *microcosmos* autoconsciente no *macrocosmos* do desenvolvimento da humanidade” (Lukács, 1978, p. 296).



Referências

ENCICLOPEDIA DE LAS CIENCIAS SOCIALES. v. 6. Madrid: Ed. Aguilar, 1975.

FACINA, Adriana. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

KONDER, Leandro. Os marxistas e a arte: breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LUKÁCS, Gyorgy [1885-1971]. Introdução a uma estética marxista: sobre a categoria da particularidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.